

Parte 3 - Meios e conteúdos

A interface Comunicação e Educação e as possibilidades de convergência entre o campo da produção e da recepção: o caso Televisando

Aline Tainá Amaral Horn
Everton Luiz Renaud De Paula
Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HORN, A. T. A., DE PAULA, E. L. R., and COSTA, R. M. C. D. A interface Comunicação e Educação e as possibilidades de convergência entre o campo da produção e da recepção: o caso Televisando. In: NAGAMINI, E., and GOMES, A. L. Z., eds. *Dinâmicas e suportes para conhecer, reconhecer e integrar saberes em Comunicação e Educação* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 253-265. Comunicação e educação series, vol. 4. ISBN: 978-85-7455-487-7.
<https://doi.org/10.7476/9788574554877.0018>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A interface Comunicação e Educação e as possibilidades de convergência entre o campo da produção e da recepção: o caso Televisando¹

Aline Tainá Amaral Horn²
Everton Luiz Renaud De Paula³
Rosa Maria Cardoso Dalla Costa⁴
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

1 Introdução

Não é de hoje a aliança entre a escola e a mídia como instituições do saber voltadas à formação dos sujeitos na sociedade. Entendendo a representatividade que exercem como espaços educativos e de aprendizagem, compreender a realidade de profissionais da comunicação e da educação, em especial jornalistas e professores, ascende à discussão acerca das lacunas e fragilidades latentes no mundo de trabalho (tanto na redação de jornalismo, como na sala de aula) frente a propostas de mídia-educação cada vez mais crescentes em empresas de comunicação e escolas públicas e privadas.

-
- 1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (versão atualizada).
 - 2 Jornalista e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR), na linha de pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais. *E-mail*: <hornaline@gmail.com>.
 - 3 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino. Filósofo. Docente na Universidade Positivo. *E-mail*: <professor@evertonrenaud.com>.
 - 4 Doutora e Pós Doutora em Comunicação, Professora titular aposentada da Universidade Federal do Paraná. *E-mail*: <rmcosta@uol.com.br>.

Em contrapartida, o pano de fundo que pauta a implementação de projetos de comunicação e educação reflete um cenário de contrariedades que perpassam pela práxis e formação dos profissionais envolvidos.

Os jornalistas e os educadores compartilham desafios e angústias em comum quando se fala no terreno de interface da comunicação e educação. A prática profissional de ambas as profissões — adequação às novas tecnologias, excesso de atribuições, cumprimento de metas, etc. — em descompasso com a formação acadêmica que raramente apresenta disciplinas relacionadas à mídia-educação ou educomunicação nas grades curriculares, tanto dos cursos de comunicação, como das licenciaturas, sinaliza a emergente superação da dicotomia entre os campos da comunicação e educação, frente a projetos que visam ações conjuntas entre profissionais dessas áreas do saber. Diante dessa realidade, o presente artigo fundamenta-se nos seguintes questionamentos: quais são as possibilidades de convergência entre os campos da produção e da recepção em um projeto de comunicação e educação? De que forma propostas como essas são colocadas em prática na rotina de trabalho do professor e do jornalista? É possível alinhar os valores da cultura escolar e do jornalismo sem cair numa visão meramente voltada aos interesses institucionais? Como jornalistas e professores podem trabalhar em parceria e contribuir para a formação crítica e dialógica da sociedade? A partir dessas reflexões, o artigo apresenta os principais resultados de duas pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que analisaram o mesmo objeto de estudo, o *Projeto Televisando*, sob perspectivas diferenciadas: uma com enfoque na produção (redação de jornalismo) e a outra na recepção (ambiente escolar). A partir do entendimento de que a Educomunicação é um campo do saber que constitui um conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a desenvolver *ecossistemas comunicativos* — ambientes que promovem o diálogo e a reflexão dos indivíduos por meio de ferramentas da comunicação (SOARES, 2011), propõe-se discutir os principais conceitos da interface da comunicação e educação e contextualizar a prática dos profissionais da escola e da mídia que estão diretamente envolvidos em ações e propostas educacionais conjuntas. Pretende-se traçar um paralelo entre os resultados alcançados por entender que são estudos complementares que podem levantar novas perspectivas de investigação e incitar questionamentos pertinentes acerca do campo de interface. Em ambas as pesquisas foram utilizados como instrumentos metodológicos formulários, entrevistas e observação participante, seguindo os princípios da pesquisa qua-

litativa e quantitativa dos autores Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), Santos (2009), Michelle Lessard-Hérbert, Gabriel Goyette e Geráld Boutin (2012) e, para interpretação de dados, a análise de conteúdo da Bardin (1977). O *Televisando* é um projeto de comunicação e educação desenvolvido pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC TV) e o Instituto do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom) em parceria com Secretarias Municipais da Educação do Paraná e Instituições de Ensino Superior paranaenses, que propõe a realização de atividades nas escolas da rede municipal do estado a partir de reportagens especiais produzidas pelos jornalistas da RPC TV, exibidas quinzenalmente nos telejornais locais *Paraná TV* 1º e 2º edição (às 12h e 19h, respectivamente). Embora se reconheça que esse projeto seja produto de uma emissora autônoma e afiliada de uma das maiores corporações de comunicação do mundo, a Rede Globo de Televisão, e que, portanto, possa reforçar motivações institucionais e de marketing, trata-se de uma iniciativa de responsabilidade social, que visa à aprendizagem e ao exercício crítico da comunidade. Ao propor a interrelação dos campos da comunicação e educação, conseqüentemente, contribui para a aproximação entre seus agentes envolvidos — jornalistas e professores.

2 O Campo de interface da Comunicação e da Educação e suas possibilidades de convergência

A partir da compreensão que “os campos da comunicação e educação, simultaneamente, educam e comunicam” (SOARES, 2011, p. 17), e considerando que as “preocupações comunicacionais da Educação, e as preocupações sobre a aprendizagem na Comunicação, parecem de algum modo penetrar os dois campos originais na sua totalidade e fornecer-lhes novos ângulos e questões para observação” (BRAGA; CALAZANS, 2003, p. 56), parte-se do entendimento de que a comunicação e a educação são instituições do saber disseminadoras de valores hegemônicos e indispensáveis à formação do indivíduo em sociedade. Soares (2011, p. 17) traça um paralelo entre essas áreas do conhecimento e afirma que a educação só é possível enquanto “ação comunicativa”, tendo em vista que a comunicação por si só está presente em todos os modos de formação do ser humano e que a comunicação é também uma “ação educativa” enquanto produção simbólica e transmissão de sentidos.

Conforme definição de Melo e Tosta (2008, p. 49), o campo que une a educação e a comunicação

representa um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes e efetivos cidadãos. [...] Este é um campo que abre margens a desafios, pois exige o reconhecimento da mídia “como um outro lugar do saber”, que influencia e condiciona, juntamente com a escola, o processo de formação dos indivíduos.

Os autores também afirmam que a interface destes campos do saber leva ao desenvolvimento da capacidade dos educadores, educandos e profissionais da comunicação, em pensar criticamente a realidade:

conseguir selecionar, distinguir e inter-relacionar informações oriundas dos meios tecnológicos e de tantos outros, e de conhecimentos fornecidos pela escola. A complexidade dessa interface obriga-nos a reinventar conceitos, formular novas categorias de análise, bem como incorporar outras problemáticas para a compreensão dos processos de socialização e aprendizado na contemporaneidade (MELO; TOSTA, 2008, p. 49).

Para tanto, é preciso superar alguns estereótipos quando se fala no campo de interface da comunicação e educação. Da mesma forma que há na escola uma visão predominante da relação verticalista professor–aluno, a mídia, por vezes, acaba reproduzindo e reforçando padrões similares na relação jornalista–sociedade (público-alvo/audiência), em especial nos países pouco desenvolvidos, com sociedades ainda pouco “politizadas” para os meios. É o que afirma Soares (2011, p. 37), ao relatar que o maior obstáculo na relação Comunicação e Educação é, na verdade, a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos que, é reforçada, por outro lado, “pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor”.

Aquém de tais apontamentos, quando jornalistas e educadores passam a pensar a realidade sob uma perspectiva crítica e dialógica, a partir de projetos de comunicação e educação, acabam por reelaborar suas próprias práxis. É o que propõe Soares (2011) ao afirmar que a Educomunicação, campo do saber com certa autonomia em relação aos tradicionais campos da educação e da comunicação, constitui um conjunto de ações destinadas a

criar ambientes que garantam possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. O autor exemplifica que essa nova área de intervenção reconhece, em primeiro lugar, o direito universal à expressão, tanto da mídia quanto do seu público:

Esta é a razão pela qual se afirma que o eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos converte-se no habitat natural da educomunicação. Sua função é qualificar tais relações a partir do grau de interação que for capaz de produzir. Conceitos como democracia, dialogicidade, expressão comunicativa, gestão compartilhada dos recursos da informação fazem parte de seu vocabulário. Está presente onde práticas de comunicação se manifestam com consequências para a vida em sociedade: na família, na escola, na empresa, na própria mídia (SOARES, 2011, p. 18).

Tais concepções também são reforçadas quando se assume a premissa de que “sempre estamos na possibilidade de aprender, mas nem sempre na de ensinar” (OROZCO, 2014, p. 25). Afinal, a aprendizagem se dá de formas diversas, não sendo a escola o único lugar onde esta ocorre.

O ensino é restrito, a aprendizagem é aberta, quase interminável. O aprender não depende unicamente do ensinar, pois se aprende de muitas maneiras: pela descoberta, pela tentativa e pelo erro, tanto ou mais do que como resultado de algum ensinamento. [...] É preciso romper esse monopólio e crença generalizada de que educação só tem a ver com o escolar. Esse seria o caso dos meios de comunicação de massa e, hoje, das diversas tecnologias e das redes sociais que, sem reconhecer-se educadores, estão educando, e o produto de sua educação é o polêmico, pelo menos, e nem tudo o que conseguem vale a pena. Tampouco é essencial ou necessário, mas nem por isso inexistente (OROZCO, 2014, p. 25).

Nesse sentido, quando se fala da produção televisiva, em especial dos programas da TV cotidiana, comercial — aquela que não opera sob o selo de produção educativa —, mesmo que não tenha finalidade didática, no processo de recepção, a audiência toma um papel ativo de produtor de sentido. “Não se preocupem com a forma como a mensagem é produzida nem o seu conteúdo, são os receptores que dão o significado final” (WOLTON, 1997 apud DALLA COSTA, 1999, p. 21. Tradução livre).

Diante desses apontamentos, fica evidente que a implementação de projetos de responsabilidade social, na convergência entre TV e sala de aula, traz resultados positivos para a sociedade, pois promove uma transformação nos pilares de atuação dos emissores e dos receptores, bem como rompe as barreiras históricas entre os dois espaços. O Televisando, projeto de comunicação e educação que alia o trabalho do jornalismo da RPC TV e do Instituto GRP-Com, é um exemplo claro desse tipo de iniciativa. Sua proposta é incentivar a expressão literária, artística, comunicativa e pedagógica, envolvendo alunos e professores das escolas das redes municipais paranaenses. Presente nas regionais de Ponta Grossa, Guarapuava, Cascavel, Londrina, Maringá, Noroeste e Foz do Iguaçu, mobiliza pessoas de profissões diversas: jornalistas, educadores, pedagogos, filósofos, educadores, entre outros. Ambas as instituições envolvidas no projeto fazem parte do Grupo Paranaense de Comunicação, e cada uma é responsável por executar atividades específicas. Enquanto os jornalistas da RPC TV produzem as reportagens e participam de algumas etapas de avaliação e de premiação dos trabalhos dos alunos e professores, o Instituto faz a gestão de todo o projeto, como elaboração do regulamento, mobilização das Secretarias da Educação para apoiar a disseminação das iniciativas do Televisando pelas escolas municipais do Paraná, definição das temáticas anuais, mediação da plataforma dos cursos EaD, avaliação dos trabalhos, organização dos eventos de premiação, entre outras ações.

Realizar um projeto desta natureza no solo da escola e da redação de jornalismo não é tarefa fácil. Na cultura escolar, tem influência da ancoragem situacional do polo emissor — que por si está composta de suas historicidades e especificidades. Está submetido às linguagens de comunicação e educação — neste caso, o gênero do jornalismo televisivo e da clássica preleção de sala de aula. E, também, das próprias características dos alunos—audiência que, com seus professores, familiares, vizinhos, hábitos religiosos, culturais e de lazer, formam a comunidade de apropriação e significação. Já na redação, os desafios do dia a dia da profissão — cumprimento de metas institucionais, sobrecarga de trabalho, desenvolvimento de novas competências para interagir com um público cada vez mais crítico e produtor de conteúdo, etc. — dificultam o engajamento dos jornalistas em ações educacionais que possam ser incorporadas à rotina de trabalho.

Convém destacar, portanto, que o cenário de ações conjuntas entre profissionais do Instituto GRPCom e da RPC TV, organizações com rotinas e atividades profissionais diferenciadas, é complexo e requer aprimoramentos. Sem a temática do ano e disseminação do projeto pelas escolas municipais do

estado do Paraná (realizada pelo Instituto) não há pauta; sem pauta (promovida pela redação de jornalismo) não há reportagem. Embora os processos de trabalho sejam complementares e indissociáveis, apresentam muitas lacunas no campo de interface da comunicação e educação. Pressupõe-se que ao jornalista caberia sair às ruas, ter contato com a cultura escolar, conversar com diretores, professores e pedagogos; e ao professor, incorporar as ferramentas de comunicação como aliadas ao ensino e à aprendizagem em sala de aula. Porém, a realidade é outra e ainda exige muitos esforços para alcançar os princípios teórico/metodológicos da vertente educomunicativa. Para que ações educomunicativas sejam implementadas, a educomunicação precisa ser construída intencionalmente, por meio de ações inclusivas, democráticas, criativas e midiáticas (SOARES, 2011). Tais ações valorizam as mediações possibilitadas pelos veículos de comunicação e pela escola, que têm como seus protagonistas os jornalistas e educadores, o que mais uma vez coloca em destaque a contribuição desses profissionais na constituição de espaços que oportunizem o diálogo e a reflexão, tanto na cultura escolar, como também nas relações sociais: família, amigos e sociedade.

3 Percorso metodológico

Na pesquisa com enfoque na produção, as informações coletadas foram sistematizadas seguindo os princípios da pesquisa qualitativa e quantitativa dos autores Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999) e Santos (2009). Inicialmente, na etapa de caráter quantitativo, formulários foram enviados via e-mail institucional aos jornalistas envolvidos no *Televisando*. Posteriormente, na etapa de caráter qualitativo, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os editores-chefes e jornalistas. Teve-se como objetivo obter um panorama da abrangência do projeto no estado; verificar se o envolvimento no projeto gerou alterações na rotina de trabalho; público a quem se destinam as reportagens; experiência ou formação na área de interface da comunicação e educação; compreensão do jornalista do que seja um projeto de comunicação e educação; identificar como o *Televisando* é tratado na redação da TV; equipe envolvida no projeto; de que forma as reportagens do projeto se diferem das demais matérias do telejornal; desafios do dia a dia na televisão; mudanças na rotina de trabalho; a recorrência do tema educação nas reportagens; e questões políticas e institucionais. Realizou-se também a análise de conteúdo das reportagens, considerando a concepção heurística, idealizada por Bardin (1977) como pilar norteador da investigação, a

fim de enriquecer a tentativa exploratória e aumentar a propensão à descoberta, “para ver o que dá”. Já na pesquisa direcionada ao estudo de recepção, a produção dos dados seguiu as bases da pesquisa qualitativa em educação, seguindo as premissas epistemológicas de Michelle Lessard-Hérbert, Gabriel Goyette e Geráld Boutin (2012). Os passos iniciais foram dados no estudo exploratório que, além de mapear as pesquisas já realizadas nesta interface em busca deste objeto, também mapeou os espaços potenciais para a observação do processo de recepção. Com base em dados sobre abrangência e capilaridade do projeto, chegou-se à cidade de Palmeira, no Paraná. Já que todas as escolas da cidade estavam inseridas no projeto, a escolha da instituição se deu por meio da caracterização do perfil da professora, que apresentava maior tempo de consumo de mídia, focado exclusivamente na TV aberta, com mais de dez anos de docência e mais de dois anos de atuação no projeto que constituiu o cenário da pesquisa.

Com o ambiente definido, ocorreram as observações em sala de aula, durante um semestre letivo, acompanhando uma vez por semana toda a rotina de aula dos estudantes — 23 alunos de 4º ano do Ensino Fundamental. Mesmo nos dias em que não havia apresentação de telejornal, as atividades realizadas com os alunos constituíram referências essenciais para o entendimento da trama cultural da escola. Esta vivência do cotidiano da instituição formou as categorias de análise do processo de recepção observado, e a observação sistemática e sistematizada passou por instrumentos de transcrição e decupagem das reportagens, respostas de questões norteadoras da observação, e análise a partir das lentes das mediações.

4 Escola e Mídia: a recepção da TV em sala de aula e o campo da produção

A recepção e a mediação no contexto da escola foram identificadas a partir da articulação entre a base epistemológica, o cenário e os perfis dos agentes relacionados ao momento da televidência. Foram utilizados três instrumentos para análise das reportagens: apresentação, estrutura dividida e interpretada em fragmentos, e a análise do processo de recepção e mediação em sala de aula.

Foram observados os momentos de exibição de três reportagens na escola, todos realizados fora do espaço físico da sala de aula, ocupando o saguão da escola e deixando os alunos diante da tela conforme coubessem no espaço disponível. A escolha do tema se mostrou ponto crucial, em especial

em uma das matérias cujo assunto não fazia parte da realidade dos alunos e não gerou comentários, participações, tampouco atenção para suas palavras e imagens. A reportagem que estava totalmente classificada pelo emissor dentro do tema do projeto, em acordo com suas premissas de produção, ficou sem aprofundamento suficiente para que a professora pudesse trabalhar.

A reportagem escolhida pela professora colaboradora da pesquisa foi a mais apropriada de acordo com as observações. Não foi a mesma escolha do polo emissor, pois não tratava do tema fechado pelo projeto e também não levava seu selo educacional, mas emergiu de uma percepção da docente de uma vivência da própria turma. A reportagem gerou participações, dúvidas, discussões e até mesmo constatações dos próprios alunos. Contudo, isso foi além do que estava planejado pela professora, que esperava extrair dela pretextos para abordagem de temas curriculares. Neste caso, as participações dos alunos e suas possibilidades de crítica ficaram abafadas pelo currículo e pelo cumprir de um roteiro. Na articulação dos resultados da pesquisa, a premissa que se confirma é a de que os alunos formam, efetivamente, audiência televisiva e fazem parte do público de recepção. No contexto em que foram observados, recebem as reportagens do telejornal com mediação do professor e da escola e sem autonomia para escolher o que assistir e influência mínima no que é feito em sala de aula depois da televidência. É o que ocorre em vista de estarem em processo de educação tradicional e condicionados à cultura escolar e à cultura da escola, o que os torna audiência passiva, mas ainda assim, audiência.

Em relação ao modo de fazer jornalismo, inicialmente, investigouse o porquê de as matérias do projeto serem denominadas “especiais” e verificou-se que são assim consideradas por apresentarem maior duração, linguagem mais explicativa, viés didático, exibição quinzenal e temática que varia a cada edição anual. Identificou-se que não são produzidas, necessariamente, reportagens específicas para cada regional do Paraná, ou seja, uma mesma matéria do *Televisando* pode ser divulgada em mais de uma localidade. Em outros casos, algumas reportagens são adequadas à grade do telejornal de outras regionais do estado sem apresentar vinheta ou fala do apresentador que associe a reportagem ao projeto.

Constatou-se também que os jornalistas envolvidos no *Televisando* produzem as reportagens de acordo com a “escala” do dia, e não por afinidade ou interesse pessoal. Entretanto, na regional de Londrina, onde há uma equipe fixa do projeto, as notícias são tratadas de forma diferenciada em relação às demais matérias do telejornal nas etapas de produção e de reportagem. Para os jornalistas, as reportagens do projeto apresentam uma linguagem mais acessível, porque são direcionadas aos alunos e professores, embora haja uma preocupação tanto em

atender os interesses do público em geral, quanto em não perder a audiência. Já o envolvimento no *Televisando* não gera alterações significativas no dia a dia na televisão, mas, por outro lado, os jornalistas alegam que além do excesso de trabalho, o projeto é visto como algo a mais no dia a dia da redação. A educomunicação não é citada em nenhum momento como conceito fundamental que pauta projetos educacionais e, apesar dos termos “educadores” e “alunos” terem sido constantes, não houve menção do “jornalista” como agente participante do processo de mediação entre a escola e a mídia. Embora a experiência de trabalho no *Televisando*, segundo os jornalistas, esteja relacionada a “novas experiências” e a “aproximação com a escola”, apenas um jornalista afirmou ser necessário fazer cursos para trabalhar com a produção das reportagens para o projeto.

Os resultados também indicaram que as reportagens do projeto apresentam similaridade em relação às demais do telejornal e que o conceito de interface da comunicação e educação é pouco conhecido pelos jornalistas do projeto, levando a crer que a utilização dos recursos audiovisuais não necessariamente tem como ponto de partida o parâmetro educacional. Observou-se que o engajamento do jornalista em ações que visam a criticidade do público, o fomento ao diálogo, assim como o maior aprofundamento sobre a proposta da educomunicação, em muito depende da iniciativa das próprias corporações em não somente implementar tais práticas no contexto empresarial, mas também priorizar o investimento na formação continuada em mídia-educação desses profissionais da comunicação, assim como oportunizar, no ambiente de trabalho do jornalista, a interação com os educadores por meio do compartilhamento de conhecimentos e experiências da cultura escolar. O jornalista inserido nas ações do projeto de comunicação e educação estudado na pesquisa aparece, timidamente, como coadjuvante. Não se associa à figura desse profissional a de um mediador de ações educacionais, agente transformador que integra todo o processo de aprendizagem e formação dos sujeitos. Esse profissional ainda não tem apropriação dos conceitos educacionais, não por falta de esforços para que iniciativas de projetos de comunicação e educação sejam bem-sucedidas, mas em função, grosso modo, de dois macro motivos. O primeiro emerge do âmbito conceitual educacional, que não aflora espontaneamente e exige dos profissionais ações intencionais dentro da cultura organizacional para o cumprimento de etapas de trabalho da educomunicação (concepção, implementação, acompanhamento e avaliação) que levem em conta a formação dos ecossistemas comunicativos propostos pela Educomunicação. O segundo, de ordem institucional, refere-se às diferenças de natureza organizacional de duas instituições que trabalham em parceria para fazer o projeto acontecer: o Instituto GRPCom (Oscip) e a RPC

TV (organização privada). Em outras palavras, aliar iniciativas de responsabilidade social (realizadas há longo prazo e com planejamento) à realidade do jornalismo (imediatista e factual) exige dos profissionais envolvimento, interação, flexibilidade, abertura ao novo e, principalmente, uma mudança na própria cultura organizacional (que passe a agregar caráter prioritário a tais iniciativas propiciando condições de formação e adaptação dentro da rotina de trabalho dos profissionais). Os profissionais da educação também passam por dificuldades similares. A realidade vivida em sala de aula frente aos problemas relacionados às restrições institucionais, contexto social precário do qual fazem parte as crianças e jovens das escolas públicas e formação defasada do professor, está muito distante dos propósitos das organizações de comunicação.

Diante desse cenário, incorporar à cultura escolar e à mídia iniciativas de projetos de comunicação e educação, como o *Televisando*, torna-se um desafio ainda maior, justamente pela necessidade de superação de suas próprias limitações institucionais. Implementar ações que promovam ambientes abertos e reflexivos (dentro e fora de sala de aula) e diálogo entre os atores envolvidos — educadores e jornalistas — aparece como algo a mais a ser adaptado às suas rotinas de trabalho.

5 Conclusão

A relação entre os campos explorados neste artigo é inegável e claramente perceptível; afinal, “Educação e Comunicação fazem parte de um mesmo contexto social e nele se fortalecem ao mesmo tempo em que nele interferem. E sua aproximação representa mais do que simples junção ou lógica de complementaridade” (RENAUD DE PAULA, 2015, p. 181). A atuação de seus profissionais — jornalistas e professores, ainda que desafiadora e realizada em um campo “duplamente minado” (OROZCO, 2014, p. 12), pode superar os preconceitos e tradições traçados historicamente em suas instituições. Para que a convergência ocorra nas propostas práticas de trabalho entre estes campos, seus profissionais precisam compreender os pontos de convergência e por eles estabelecer seus roteiros de produção conjunta. De outro lado, é essencial conhecer as limitações e divergências que são caracterizadas pelas condições de existência de cada uma das instituições e precisam ser respeitados e compreendidos para serem superados lucidamente.

E de outro modo, a consciência sobre os modos de produção de cada um torna-se um ponto fundamental. Jornalistas e professores assumem

o papel de emissores, estabelecidos em uma ancoragem situacional e institucional da qual não podem se desprender, mas diante da qual não podem permanecer sem crítica. Da mesma maneira, são agentes no processo de recepção, cientes de que sua produção entra em contato com o sistema de significações orquestrado pela comunidade de apropriação e significação — neste caso, formada pelos alunos e seu contexto.

É somente com esta percepção que se torna possível estabelecer práticas educacionais que de fato sejam consolidadas tanto nas organizações de comunicação, como nas escolas. Nessa perspectiva, novamente se chama atenção para o que Soares (2011) aponta como aspectos necessários à construção dos ecossistemas comunicativos: clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. Ou seja, o mapeamento de ações em projetos de comunicação e educação deve contemplar tais aspectos (desde sua concepção até a avaliação dos resultados) e, simultaneamente, levar em conta as mudanças latentes no mundo de trabalho dos jornalistas e professores. E, por isso, o desenvolvimento de ações deve ser conjunto entre professores, educadores e jornalistas.

Atenta-se, por outro lado, que o trabalho de tais profissionais da comunicação e da educação, participantes de todo processo formativo dos indivíduos, não é devidamente valorizado. Como consequência, o que se percebe é um alinhamento turvo entre as equipes do polo emissor, bem como uma percepção ainda frágil sobre a recepção na sala de aula. A falta de investimentos em formação continuada, assim como os esforços reduzidos por parte das escolas e empresas de comunicação em promover espaços de interação, ambientes inclusivos, participativos e de diálogo entre esses profissionais, indicam as lacunas a serem superadas quando se fala no terreno de interface desses campos do saber. Para que o jornalista e o educador coloquem em prática os princípios teóricos/metodológicos da educação, é indispensável que ambos compreendam o mundo de trabalho um do outro — suas limitações, desafios e possibilidades — na busca pela desconstrução de seus próprios valores enraizados e total abertura e flexibilidade para o diálogo e mudanças.

Diante deste cenário, as contribuições construídas pelas duas pesquisas — que visam estimular novas intervenções e estudos — apontaram alguns caminhos plausíveis para a consolidação desta interface, assim como práticas de intervenção que pudessem efetivamente ser adequadas à cultura escolar e organizacional. Tais ações foram apresentadas pelos pesquisadores em reunião realizada no Instituto GRPCom (Curitiba/PR), em novembro de 2015, com profissionais do próprio Instituto e da redação de jornalismo e marketing da RPC TV.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, M. R. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Papirus, 2003.
- DALLA COSTA, R. M. C. **Le rôle des journaux télévisés: Étude de la réception chez les ouvriers de la ville de Curitiba, au Brésil**. 1999. 592 f. Tese (Doutorado) — Curso de Comunicação, Université Vincennes - Saint Denis, Paris, 1999.
- LESSARD-HÉRBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- MELO, J. M.; TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- OROZCO, G. O. G. **Educomunicação**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RENAUD DE PAULA, E. L. **Mídia e escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula**. 2015. 330f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.
- SANTOS, T. S. **Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas tecnológicas para a pesquisa social**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 120-139, jan./jun., 2009.
- SOARES, I. O. **Educomunicação - conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.